



INTERFACES ENTRE SABERES ANCESTRAIS E PRÁTICAS EDUCATIVAS NA ESCOLA MĀTYK: ALDEIA SÃO JOSÉ, TOCANTINÓPOLIS-TOCANTINS

INTERFACES BETWEEN ANCESTRAL KNOWLEDGE AND EDUCATIONAL PRACTICES AT THE MĀTYK SCHOOL: SÃO JOSÉ VILLAGE, TOCANTINÓPOLIS-TOCANTINS

Rejane Cleide Medeiros de Almeida - UFNT – Tocantinópolis – Tocantins - Brasil
rejmedeiros@uft.edu.br

Idemar Vizolli – UFT – Palmas – Tocantins – Brasil
idemar@uft.edu.br

Fabício Laranja Salvador Apinagé – Aldeia São José – Tocantinópolis – Tocantins – Brasil
rejmedeiros@uft.edu.br

RESUMO

Neste artigo buscamos compreender, as interfaces entre os saberes ancestrais e as práticas educativas realizadas na escola Mātyk da aldeia São José. Como metodologia, utilizamos a História Oral, uma vez que a prática de ensinar e aprender dos indígenas ocorre pela oralidade. Como procedimentos, adotamos entrevistas semiestruturadas. Realizamos oficinas para confecção de mapa social do território Aldeia São José com objetivo de marcar a representatividade das territorialidades do grupo social. A pesquisa aponta que ao representar o conjunto de elementos no mapa foi possível registrar o que tem de mais importante para os indígenas, o seu território. E que ao construir o mapa puderam contar as histórias para as crianças e jovens que acompanharam a oficina. E em relação aos saberes ancestrais e sua interface com as práticas educativas ocorrem pontualmente na escola.

Palavras-chave: Saberes ancestrais. Práticas educativas. Apinayé. Mapa Social.

ABSTRACT

In this article we seek to understand the interfaces between ancestral knowledge and the educational practices carried out at the Mātyk school in the village of São José. As a methodology, we used Oral History, since the practice of teaching and learning of indigenous people takes place orally. We used semi-structured interviews. We held workshops to make a social map of the Aldeia São José territory with the aim of marking the representativeness of the social group's territorialities. The research showed that by representing all the elements on the map it was possible to record what is most important to the indigenous people, their territory. And by building the map, they were able to tell the stories to the

children and young people who attended the workshop. And with regard to ancestral knowledge and its interface with educational practices, this happens occasionally at school.

Keywords: Ancestral knowledge, educational practices. Apinayé; Social Mapa.

INTRODUÇÃO

As interfaces entre saberes ancestrais e práticas educativas na escola Mãtyk , da Aldeia São José no município de Tocantinópolis constituem-se em tema central destas reflexões.

Para Calderoni e Nascimento (2012, p. 308):

Os saberes tradicionais indígenas estão densamente contextualizados com seu território [...] as experiências pautadas nos saberes ancestrais, tradicionais dos mestres da aldeia que ao longo do tempo produzem variados saberes e que, sobretudo foi adquirido com seus ancestrais, tecido nas tramas das relações com a sua territorialidade.

Enquanto territorialidade ao qual os autores acima chamam atenção é importante definirmos, o entendimento, e para isso, mobilizamos Little (2004, p. 254) que chama a atenção para o fato de que o: “[...] aspecto fundamental da territorialidade humana é que ela tem uma multiplicidade de expressões, o que produz um leque muito amplo de tipos de territórios, cada um com suas particularidades socioculturais”. Nesse sentido os saberes produzidos pelos apinayés em seus territórios são realizados a partir dos saberes ancestrais. E que nos territórios sociais, são encontrados vínculos sociais simbólicos e rituais, afirmando-o como um espaço carregado de sentimento e significado.

Sobre as multiplicidades de expressões e símbolos que Little (2004), chama atenção acima podemos estabelecer uma relação com às cerimônias, no qual Barth (2005) destaca que fazem parte dos saberes ancestrais que revelam cultura e descrevem o comportamento humano, com unidades étnicas representadas por diferentes culturas e diferentes fronteiras, conectadas pelos processos históricos, assim podemos afirmar que produzem territorialidades. Na perspectiva de Barth (2000, p. 16), as culturas sofrem processos de mudanças sociais; e que: “[...] O contraste entre “nós” e os “outros” está inscrito na organização da etnicidade: uma alteridade dos demais que está explicitamente

relacionada à asserção de diferenças culturais. Assim, começemos por repensar a cultura, a base a partir da qual emergem os grupos étnicos”.

Podemos inferir, a partir do diálogo que estabelecemos com Barth (2005), que os saberes das mestras e dos mestres da Aldeia São José são práticas culturais constantemente geradas a partir das experiências de características ancestrais, e que “a cultura está em um estado de fluxo constante. Não há a possibilidade de estagnação nos materiais culturais, porque eles estão sendo constantemente gerados, à medida que são induzidos a partir das experiências das pessoas” (Barth, 2005, p. 17). O autor chama a atenção para o fato de que a tradição sofre constantes mudanças; não é estagnada, embora seja transmitida do passado.

E é pensando na produção dos saberes geracionais, ancestrais que nosso artigo objetiva compreender a relação entre os saberes Apinayés e as práticas educativas realizadas na escola Mãtyk da aldeia São José. Em relação às interlocutoras e aos interlocutores desta pesquisa, destacamos que pertencem a um grupo étnico que compartilha tradições culturais, possuem formas de comunicação e interação, “[...]. Tem um conjunto de membros que se identificam e são identificados por outros como constituindo uma categoria que pode ser distinguida de outras categorias da mesma ordem (Barth, 2000, p. 27).

Enquanto grupo étnico, possuem um conjunto de territorialidades formadas por práticas culturais, como destacou Little (2004), quando afirmou que apresenta multiplicidades de expressões nos territórios sociais, destacando-o como um espaço cheio de significados.

Como práticas educativas, remetemos a Freire (2018), o qual assevera que ensinar exige respeito aos saberes dos educandos e educandas. Coloca à escola o compromisso do respeito aos conhecimentos previamente trazidos pelos sujeitos dos saberes, de suas vivências, que são construídas por experiências da comunidade. Nesse caso visamos compreender a relação entre os saberes que se ensina em ambientes não escolares, como nas cerimônias, nas festas e comemorações em geral vivenciadas na aldeia e se esses saberes chegam à escola. Como também, se as experiências têm relação com o território ao qual a escola está localizada, ou seja, na aldeia. A noção de território para nosso

entendimento nas reflexões propostas no artigo, advém da perspectiva de HAESBAERT (2011) no qual aponta que os territórios dos povos tradicionais são construídos por abordagens epistêmicas diferentes do modelo eurocêntrico difundido pela ideologia dominante.

Por fim, para mantermos em segurança os nomes das/dos nossas/os interlocutoras/es decidimos por colocar os nomes de Flores, tanto para as mestras como para os mestres que participaram da pesquisa. E, em relação as/aos professores denominamos como professor A e B.

PERCURSO METODOLÓGICO

Como percurso metodológico da pesquisa, mobilizou-se a História Oral na perspectiva de conhecer, a partir das narrativas orais, os saberes, nesse caso como os saberes são transmitidos para novas gerações (especialmente como se situa no interior da escola Mătyk).

Também utilizamos a construção de um mapa social no qual denominamos como cartografia social. Considerado aqui, como nova cartografia social. Este é um instrumento metodológico de descrição etnográfica, sendo que a nova descrição parte dos conhecimentos dos próprios agentes sociais. O mapa foi construído na oficina realizada na aldeia São José e produzido pelos agentes sociais¹, discutidos as situações materializadas a partir de pontos georreferenciados que devem constar no mapa. Para Gaioso (2013), os elementos de territorialidades caracterizados no mapa constituem elementos místicos de lugares sagrados e de reivindicações, sobretudo que constituem a

¹ Agentes sociais, utilizado aqui para caracterizar o sujeito da ação, considero a partir do que Bourdieu, afirma ser agentes e não sujeitos. A ação não é uma simples execução de uma regra, obediência a uma regra. Os agentes sociais, tantos nas sociedades arcaicas como nas nossas, não são apenas autômatos reguladas como relógios, segundo leis mecânicas que lhes escapam. Nos jogos mais complexos [...] eles investem os princípios incorporados de um habitus gerador (Bourdieu 1990, p.21). [...] Bourdieu propõe outra análise: a praxiologia (entender a mediação entre o agente social e a sociedade). O agente social é visto em função das relações objetivas que regem a estruturação da sociedade global; e a prática é produto da relação dialética entre uma situação e um habitus- relação dialética entre habitus individual e a estrutura de um campo socialmente determinado (Gaioso, 2013, p. 66).

identidade étnica. Essa metodologia materializam as subjetividades e representações simbólicas dos grupos. Entendendo os mapas como nos apresenta Gaioso (2013, p. 71):

Os mapas são dinâmicos, circunstanciais, resultados de uma situação do presente. Nesse sentido, o mapa longe de ser a realidade, nada mais é que uma representação elaborada no sentido de instituir diferenças em relação aos mapas oficiais, considerados como legítimos e verdadeiros. Os croquis produzidos, e os mapas, são mais do que meras informações objetivas das territorialidades dos grupos; são respostas a situações atuais; possibilitam a percepção do contexto, dos planos de organização, dos interlocutores; das diferentes posições que os agentes e os grupos assumem frente a diferentes situações.

Para a autora os mapas visam dar maior visibilidade a uma reivindicação simbólica dos grupos sociais, também apresenta um caráter político e um instrumento de poder nos diálogos com os antagonistas.

A metodologia adotada aqui é a História Oral. Como usos da História Oral, Paul Thompson (1992, p. 137) destaca que a utilização de “fontes” que estão “vivas” são possibilidades de conhecer as experiências vivenciadas e apresentam relações com relatos que estão condicionados à memória. O uso da História Oral na investigação, possibilita conhecer as vivências e as entrevistas; neste caso, são importantes instrumentos que contribuem com os resultados da pesquisa:

A entrevista para Portelli (2016) é um documento vivo. A partir dessa perspectiva, entrevistamos duas mestras, um mestre e dois educadores da escola Mãtyk, por serem os envolvidos e envolvidas no processo de produção de saberes e de conhecimento ancestral da etnia Apinayé, como também das práticas educativas desenvolvidas na escola.

As entrevistas semiestruturadas resultaram das memórias que, na perspectiva do Portelli (1997), estão ligadas as experiências individuais, no ato de rememorar, e se constituem de elementos sociais e culturais. A memória apresenta os elementos de interações do indivíduo e os processos de sociabilidades. As interlocuções com as mestras e os mestres dos saberes, suas experiências e memórias individuais podem apontar para diferentes experiências.

Além das entrevistas, realizamos duas oficinas na aldeia São José, que contaram com dois mestres, assim como várias crianças e jovens participantes. Na primeira oficina,

foi realizada a produção do mapa, com a representação dos saberes da etnia, na perspectiva da mestra, do mestre, das crianças e dos jovens, sob a coordenação da equipe de pesquisa.

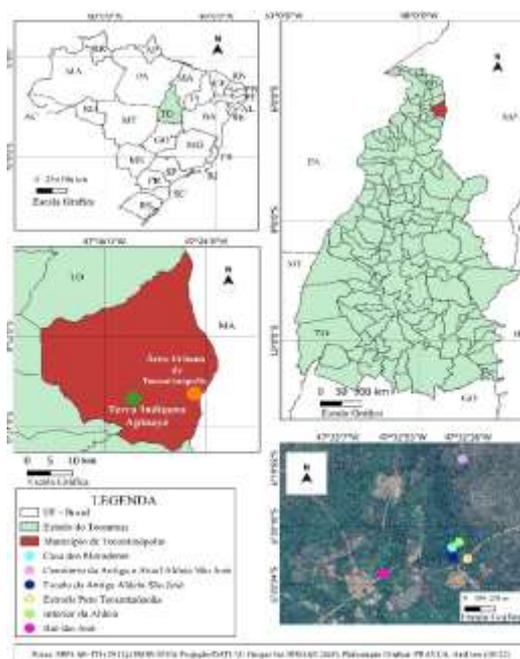
Como materiais para desenvolvimento da oficina, e realização de um croqui foram utilizados: uma folha de papel branco A2, uma variedade de lápis de cores, giz de cera, lápis preto com borrachas. Em seguida, foi explicado como seria o processo do registro dos desenhos dos elementos que existiam na aldeia, como, por exemplo, casas, cemitério, roças, pátio, escola, assim como danças, instrumentos musicais, corrida da Tora, o sagrado representado e sua relação com a ocupação do território. Em especial, os elementos da aldeia que eles denominam aldeia antiga. Ressaltamos que a decisão de representar a aldeia antiga foi das/os mestras/es, que, para eles/elas, tudo começa lá. No início do processo, percebemos que representar o território e seus elementos não era tarefa tão fácil, mesmo estando na equipe de pesquisa um representante Apinayé e que já havia combinado como seria a atividade. As crianças foram as que mais ficaram à vontade para fazer os desenhos. Os jovens vieram participar seguindo o que as/os mestres orientavam.

A segunda oficina objetivou coletar pontos de coordenadas geográficas com uso de GPS da localização do território Apinayé, incluindo a antiga aldeia São José, que foi realizada coletando pontos, resultando em um mapa cartográfico construído com dados oficiais e de georreferenciamento da Secretaria de planejamento e orçamento do Tocantins (SESPLAM- TO), Sistema de Referência Geocêntrico para as Américas foi definido pelo IBGE como o Sistema Geodésico Brasileiro (SINGAS).

O mapa resulta do trabalho de campo, da segunda oficina; o objetivo foi organizar os dados coletados do GPS das áreas do território Apinayé e, em seguida, gerou-se os pontos georreferenciados do território. Ressaltamos que o procedimento foi realizado pelos próprios Apinayés.

Abaixo apresentamos o mapa realizado pelos Apinayés, a partir dos pontos de GPS e a realização do mapa com as representações feitas por um geógrafo na perspectiva do que destaca Gaioso (2013, p.71), “o mapa torna-se um instrumento de reivindicação pelo seu auto-reconhecimento”.

Mapa 1. Mapa do território Apinayé construído pelos pontos de GPS coletados pelo grupo social



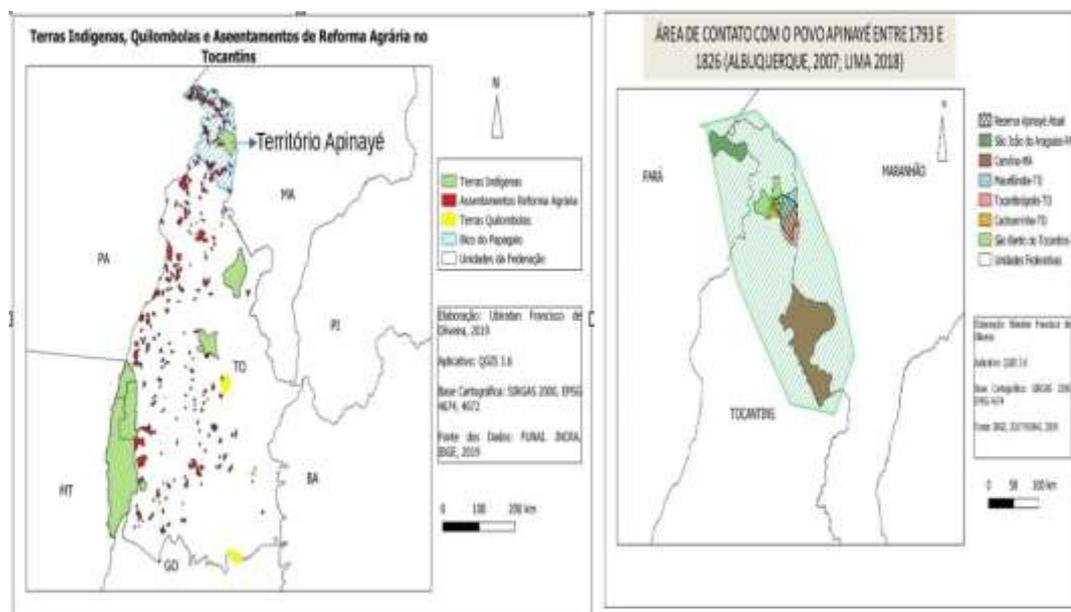
Fonte: FRANÇA, Andison (2022).

Observemos no mapa georreferenciado, os pontos demarcando a localização da aldeia São José. Na legenda aparece, o local do cemitério antigo, interior da aldeia, estrada para Tocantinópolis, casa dos moradores, primeira escola da aldeia. A atividade teve a supervisão das/dos mestras/es.

Caracterização do território de pesquisa

O território Apinayé localiza-se ao norte do estado do Tocantins, entre os rios Araguaia e Tocantins, região do Bico do Papagaio. Os Apinayé ocupam uma área de, aproximadamente, 140 mil hectares de terras demarcadas e homologadas, em sua maioria no município de Tocantinópolis. Possui grandes áreas de babaçuais, com vegetação de transição entre Cerrado e Amazônia. A cidade de referência histórica é o município de Tocantinópolis, distante 600 quilômetros de Palmas, capital do estado. A seguir apresentamos um mapa de localização do território Apinayé.

Mapa 2 - Território panhi.



Fonte: OLIVEIRA, Ubiratam, 2020

Os principais Ribeirões, no território Apinayé, são Ribeirão Grande, Botica, Bonito, São José e Bacaba, considerados de médio porte. Atualmente, a população da etnia Apinayé é de 2.328 indígenas, que estão dispostos em 27 aldeias. As construções das aldeias são realizadas em lugares abertos, o que Ribeiro (2015, p. 21) afirma ser "Próximos aos Ribeirões com boas matas ciliares para seus roçados e próximos também às chapadas (põ). Sendo que suas casas são feitas de barro batido ou de palha. São dispostas em círculo, como é comum às aldeias Jê, cujo centro é a praça ou o pátio (ingó ou me-ingó)".

Em relação às aldeias Apinayé, Geraldin (2013) afirma que as aldeias Mariazinha, Riachinho, Bonito e Botica, formadas por grupos originados da aldeia Mariazinha, estão às margens do rio Tocantins, enquanto as quatro que se localizam próximas ao Araguaia são: Aldeia São José (antiga aldeia Bacaba), Patizal, Cocalinho e Buriti Grande, relacionadas à aldeia mãe que é a São José.

Ao longo do tempo, o território Apinayé passou por grandes transformações, e isso se deve ao fato de o Brasil ter se expandido territorialmente desde o século XVII. Essas mudanças não são apenas geográficas, mas também demográficas, o que implicou um estilo de vida no qual os territórios foram drasticamente reduzidos devido ao fato das guerras tanto físicas como biológicas (doenças desconhecidas pelo povo Apinayé).

Para a mestra Flor de Algodão Apinayé, o processo de povoamento da nova aldeia São José foi lento, necessário, devido à insistência do cacique e de seus representantes por estarem em meio aos rios São José e Bacaba.

Observamos que o processo de aprendizagem passa, também, por uma relação que os Apinayés têm com a terra, com esse “lugar de afetividade” que é relacional com suas territorialidades, definido por Paul Little (2004, p. 254) como o esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico, e essa identificação é lugar de memória.

A mestra Flor de Algodão Apinayé fala da importância da terra para o seu povo:

[...] nós moramos na terra, tiramos tudo de comer dela, arroz, feijão, abobora, mas quando alguém vem até você perguntando sobre algum alimento, percebo que os nossos saberes e fazeres não estão sendo utilizados para produzir alimentos para nosso cotidiano. A terra é o nosso guia, foi assim na antiga aldeia, onde em contato com ela, não sofremos em nenhum momento (Flor de Algodão Apinayé, mestra, entrevista 30 de janeiro de 2023).

As trocas de saberes entre os mais jovens e os mestres — que resultam dos rituais de casamento, sepultamentos e danças — possibilitam aos novos guerreiros da etnia contato desde criança com as tradições e afirmação da identidade, ocorrendo por meio do fortalecimento dos laços afetivos e das práticas culturais. Mas, existe, segundo mestra Flor de Ipé Apinayé, um grande obstáculo a ser superado: fortalecer a cultura por meio das tradições.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O mapa da atual aldeia São José foi produzido na oficina com mestras e mestres dos saberes, crianças e jovens, resultou na representação do território.

Todo o processo de produção do mapa possibilitou que as/os mestras/es Apinayés expressassem por meio de desenhos a organização social do seu território, da língua, da imagem de suas características que os definem, bem como da etnia expressada em suas representações no papel, em suas vestimentas, adornos e enfeites das casas. Isso ocorre, quando, segundo (Halbawachs, 2004, p.55),

A memória individual construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo, refere-se, portanto, a “um ponto de vista sobre a memória coletiva”. Olhar este, que deve sempre ser analisado considerando-se o lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo e das relações mantidas com outros meios.

Figura 1: Oficina de mapa na aldeia São José



Fonte: APINAJÉ, Fabrício, 2023

Figura 2: Resultado da produção do croqui do mapa da aldeia São José



Fonte: Arquivos da pesquisa (2022).

Ao reconstruir a história do território Apinayé, as/os mestras/es da aldeia São José incorporam elementos de sua vida, a partir das relações que estabelecem com seu passado, com o território. Observamos isso quando construíram os mapas a partir da memória da antiga aldeia, para somente depois representarem a atual. A memória coletiva tem significativa função de contribuir para o pertencimento de um grupo social compartilhando memórias, pois nesse caso compartilha não só no campo histórico do real, mas, sobretudo no campo simbólico.

Dialogamos também com a perspectiva de Pollak (1992, p.2), onde assevera que enquanto atividade coletiva do grupo social mobiliza identidades, que possibilita compreender: “[...] em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou coletividade à qual a pessoa se sente pertencer.

Figura 2: Resultado da produção do Mapa da aldeia São José



Fonte: Arquivos da pesquisa (2022).

Little (2004) chama a atenção para o sentido que cada grupo social mantém com seu território e, para isso, ele utiliza o conceito de cosmografia, e o faz em uma perspectiva histórica, social e cultural, uma vez que a define tal como. Para o autor, “a cosmografia de um grupo inclui seu regime de propriedade, os vínculos afetivos que

mantém com seu território específico, a história da sua ocupação guardada na memória coletiva, o uso social que dá ao território e as formas de defesa dele”. (Little, 2004, p. 257).

Nesse sentido, a nossa pesquisa dialoga com as abordagens de Little (2004) quando busca compreender como ocorre a dinâmica da aprendizagem intergeracional entre os saberes das/os mestras/es e a aprendizagem dos mais jovens em relação às práticas ancestrais. Tais práticas são realizadas por meio de experiências no qual o “passado orienta o presente”, atuando com sentidos e significados de forma permanente (Thompson 2009, p. 226).

A partir do registro da antiga aldeia, a oficina foi organizada com a intenção de analisar onde, como e por que ocorrem as manifestações nos diferentes espaços da aldeia em que aconteciam esses eventos.

O mapa apresenta o resultado da organização social da antiga Aldeia na perspectiva do mestre flor de pequizeiro Apinayé, destacar que a primeira casa do lado esquerdo, a maior, é do cacique; as três casas seguintes são dos filhos. A participação de jovens e crianças na produção dos registros dos elementos das territorialidades Apinayés possibilitaram que os mestres realizassem a troca de experiências com os mais jovens e se sentissem parte do processo das aprendizagens das práticas culturais, como também trouxeram, a partir da oralidade. Esse é o objetivo da realização da oficina do mapa social, iniciar as reflexões sobre a interfaces entres os saberes ancestrais apinayés e se estes saberes chegam até a escola.

Ribeiro Apinayé (2019, p. 61) destaca que os anciões dentro do contexto social Apinayé ensinam os saberes ancestrais aos mais jovens como parte essencial do processo de conhecimento:

[...] Nesse processo próprio de conhecimento eles participavam na prática em tudo que o grande sábio fazia, incentivava até que eles se tornassem hábeis na área da medicina (como um wajaga [xamã] que trabalha com plantas medicinais), um grande cantor, um especialista nas artes das pinturas corporais, dos artesanatos, um excelente caçador, um corredor, um contador de histórias e mitos ou uma excelente liderança.

Calderoni e Nascimento (2012, p. 308) dialogam com Ribeiro: “Os saberes tradicionais indígenas estão densamente contextualizados com seu território, com sua relação com a natureza, sendo essa uma diferença fundamental entre as duas formas de

conceber os dois conhecimentos”. De uma parte temos os conhecimentos produzidos nas universidades e escolas que, por seu turno, é “[...] mais específico, mais fragmentado, menos contextualizado, marcado pela pretensa objetividade [...]” (Calderoni; Nascimento, 2012, p. 308), e do outro as experiências pautadas nos saberes ancestrais, tradicionais dos mestres da aldeia que, ao longo do tempo, produzem variados saberes e que, sobretudo, foram adquiridos com seus ancestrais, tecidas nas tramas das relações com a sua territorialidade.

Entendemos o saber tradicional indígena, ou seja, ao falar em saber tradicional fazemos referência ao conhecimento local, que está associado à cultura e às práticas sociais que se desenvolvem e reproduzem sem que para isso tenha havido um esforço deliberado de produção de tais conhecimentos (Calderoni; Nascimento, 2012, p. 307).

Na perspectiva da produção dos saberes, a antiga aldeia Apinayé descrita pela mestra Flor de Ipê Apinajé tinha, em sua maioria, jovens, e poucos mestres. Para a anciã, existia na aldeia dois grandes líderes e seus ajudantes, considerados como de grande representação política dessa aldeia, denominados Wanhmegri (nome em Apinayé) e o avô paterno da mestra Flor de Ipê Apinayé, descrito por Curt Nimuendajú (1956) em sua obra mais importante intitulada: *Os Apinayé de 1930*.

Existiam também, outros líderes que a anciã lembra somente os nomes em Apinayé, compostos somente de homens, como os guerreiros Gremahy, Pepkrakay e Katàm, que eram os responsáveis pela aldeia constituída pelos moradores da aldeia Bacaba e Cocalinho. No entanto, essas duas aldeias foram extintas por causa das lutas entre os pajés ou xamãs há muitos anos, dizimando grande parte de seus moradores, obrigando que eles se mudassem para Bacaba e, mais adiante, para a antiga aldeia São José, segundo os relatos da mestra.

Outra memória a que a mestra Flor de ipê Apinayé se remete é sobre o antigo território, e lá tem várias lembranças de como era viver nesse local. Um dos espaços a que ela chamou a atenção foi o local do cemitério da antiga aldeia São José. E tratou sobre a importância desse território para a cultura Apinayé, afirmando que as crianças e os jovens precisam aprender como preservar as tradições.

Podemos, assim, compreender que o espaço da aldeia é fundamental para o crescimento social e cultural dos jovens Apinayés em que há procura por sentidos para seus rituais, fazendo-se necessário que todos os membros sejam guiados e orientados pelas mestras e pelos mestres da aldeia São José.

Outra interlocutora da nossa pesquisa é a mestra Flor de algodão Apinayé. O diálogo foi realizado em sua casa na aldeia São José. Ela conta-nos como era a relação dos mestres com a atual aldeia, suas formas de interação com as atuais gerações e destaca:

[...] Antes de tudo, devo falar como tudo aconteceu, eu já falei para você dos caciques, o povoamento da aldeia São José, essa nova, foi com o Romão Atorkrãhti que iniciou tudo por aqui, em que tiveram a ideia de mudar de aldeia, ai que fomos capinar essa daí, cortamos os pés de coco babaçu, ali era só pastagem de gado, tinha uma vegetação, mas que cada pessoa e suas famílias tiveram que trabalhar dias, para terminar, para clarear todo o local, naquele tempo, as pessoas ainda tinham uma organização social muito ligado ao poder do cacique, enquanto que os homens cortavam os pés de babaçu, depois cavavam no pé para tirar o tronco do coco, as mulheres acompanhavam com a capina, varriam, e nesse foi que chegamos e nos tornamos um só na aldeia, e eu ajudava em tudo que podia, chegava de manhã e trabalhava até a tarde e voltava para a antiga aldeia, até aos poucos foram chegando todos (Flor de Algodão Apinayé, mestra, entrevista 30 de janeiro de 2023).

Em outra passagem da mestra, ela busca nas suas memórias algumas características da nova aldeia São José, em que ela destaca o papel da comunidade da época:

[...] na aldeia as pessoas, cada uma delas tinham suas próprias roças, trabalhavam juntos, ia de roça em roça, as plantações também aconteciam desse forma, um dia para um ou dois e no outro dia para outros, era o cacique que fazia isso, mas vejo o quanto que mudamos, estamos sem roças, sem liderança e em alguns casos sem alimentos em casa, não encontramos mais alguém para falar, aquele tem uma grande roça, ele tem muito alimento, foi e é por esse caminho que estamos caminhando, com isso os caciques não tem mais o poder de decidir mais nada. Quando os outros foram saindo, pensei em ir para a aldeia Cocalinho, mas fomos para a aldeia Patizal, foi lá que eu envelheci (Flor de algodão Apinayé, mestra, entrevista 30 de janeiro de 2023).

Kessel (2011, p. 3) nos ajuda a entender as experiências trazidas pela mestra Flor de algodão Apinayé, quando salienta que a memória coletiva apresenta importante elemento de sentimento de pertencimento a um grupo social do passado comum, que “[...] compartilha memórias ela garante o sentimento da identidade do indivíduo colocado

numa memória compartilhada não só no campo histórico do real, mas, sobretudo no campo simbólico”.

Em relação aos costumes da etnia, a mestra destacou:

[...] os estudantes estão tentando recuperar uma coisa que a juventude não vê, as vezes fico pensando o quanto que tinha isso como a nossa maior riqueza, mas a aldeia, as pinturas, o ritual nos cemitérios já não fazem sentido para a pessoa, fico triste com isso, lembro que na nossa antiga aldeia, os valores da nossa etnia tinham interesse de todos da comunidade, de participar de cada momento, como se todos possam falar a mesma língua. Eu tenho me esforçado para ensinar meus netos, sobre o nosso passado, quando tiver boa da gripe, vou ensinar meu neto a cantar, as histórias que de vez em quando pergunta, vamos realizar as cantigas para a tarde, pois dizendo meus netos que eles querem aprender a cantar, por isso que estou contando dos saberes dos nossos antigos moradores da antiga aldeia (Flor de algodão Apinayé, mestra, entrevista 30 de janeiro de 2023).

Contudo, vale ressaltar que as atividades desenvolvidas pelas/os mestras/es da comunidade, em seu território, aproximam-se ao que Little (2004, p. 265) afirma:

As sociedades indígenas, por exemplo, “o território grupal está ligado a uma história cultural” a qual “cada sítio de aldeia está historicamente vinculado a seus habitantes, de modo que o passar do tempo não apaga o conhecimento dos movimentos do grupo, desde que se mantenha viva a memória dos ancestrais (Ramos, 1986: 19-20)”. A maneira específica como cada grupo constrói sua memória coletiva dependeria em parte da história de migrações que o grupo realizou no passado. A memória espacial nem sempre se refere a um lugar primordial de origem do grupo, mas pode se modificar para atender a novas circunstâncias e movimentos.

Na concepção do mestre Flor de pequizeiro Apinayé, desde a criação de uma aldeia até que ela fique toda redonda, existe uma arquitetura idealizada, organizada e concretizada pelos mestres Apinayés que determinam onde as casas devem ficar, onde ficarão as roças e o que será plantado nelas, como também em quais os períodos do dia.

Outra atividade dos Apinayés muito interessante é a celebração da primeira chuva que acontece nos primeiros dias de outubro, em que se agrupa um número de homens e de mulheres, o que é organizado pela liderança junto aos mais velhos da etnia. Esses determinam as atividades a serem desenvolvidas, como caça e pesca, e os alimentos produzidos nas roças que — como nas palavras do mestre berarubu — no final da festa servirão para que todos os membros possam comer no pátio. Além disso, as cerimônias

de casamento são outra atividade prática dos Apinayé que acontece no pátio, como descrito pelo mestre Flor de pequizeiro. Ele destaca:

[...] Os casamentos aconteciam no pátio mesmo, não era na casa, quando aquela pessoa vai casar, o noivo dela ficar esperando na casa do padrinho ou madrinha dele, aí aquele rapaz que vai casar, vai entrar no pátio com os dois que estarão acompanhando os krãnh, amigo formal, o cantor dançará com o noivo e depois andará para casa da noiva, nesse caso o noivo é quem vai na casa da noiva, ficando por obrigação morando na casa dos pais da noiva (Mestre flor de pequizeiro Apinayé, Entrevista em 19 julho de 2022).

A mostra desse ritual está fortemente ligada ao território e seus elementos são organizados por meio dos saberes dos mestres, velhos sábios que, com vários repertórios de conhecimentos trazidos de seus antepassados, desenvolvem as produções artísticas para os enfeites dos noivos, as pinturas, a música cantada, a dança do noivo e, principalmente, os valores culturais presentes nessas festividades.

Quando se analisam essas práticas culturais no ambiente da aldeia, logo se pensa: como as escolas trabalham essas práticas de forma pedagógica? Como esses processos acontecem no ambiente escolar Apinayé?

As disciplinas de saberes e fazeres indígenas que compõem o currículo na escola são ministradas pelos/as professores/as Apinayés. Na pesquisa, foram ouvidos dois professores Apinayé da Escola Estadual Indígena Mãtyk com o objetivo de compreender se existe uma interface entre os saberes ancestrais no qual as mestras/as são guardiões e o que ensina na escola. Também se ouviram os relatos sobre as histórias de vida, os desafios de serem professores da aldeia e as dificuldades que são enfrentadas para ensinar o que são oferecidas na escola Apinayé: se possuem materiais de apoio escolar, se há produção de materiais para o ensino e aprendizagem dos alunos no interior da escola. Todavia, justifico a escolha das séries ou anos dos professores Apinayés como importantes nessa esfera de convívio e de comunicação, em que ambos trabalham com crianças e jovens do ensino fundamental e médio, contribuindo com os estudos sobre as práticas culturais da etnia, sobretudo, possibilitando atividades que despertam o interesse da afirmação da cultura. Sobre compreender como acontece esse processo do

primeiro contato com as crianças, com os materiais de estudo no espaço escolar, além das práticas dos professores com os mestres, ressalta o professor:

[...] De alguma forma para mim é muito bom, hoje em dia os jovens, não conhecem os nossos costumes, e não sabem fazer essas coisas na prática, parece que pensam igual aos brancos, por isso que os pigex tem muito a nos apresentar, igual a que te falei, eles são cantadores e historiadores, irão ensinar os jovens, mas nem todos acham isso bom. Atualmente, como sabemos, alguns jovens não gostam de nossas próprias culturas, querem se sentir como os kupe (brancos), e isso não é bom, por isso penso que a entrada dos anciãos pigex no ambiente escolar é muito importante. Então nós temos o programa Saberes indígenas na Escola, e tem alguns professores que participam, e que eles recebem bolsas (Professor A Apinayé, educador da escola Mätyk, entrevista, 16 de fevereiro de 2023).

Ao construir diálogos com as/os mestras/es da etnia, como o mestre flor de pequizeiro Apinayé, Flor de Ipê Apinayé e Flor de Algodão Apinayé, percebemos o quanto eles se esforçam para que os costumes não se percam no tempo, como acordar cedo, medicar-se somente com remédios das matas, fazer artesanatos, cortar os cabelos somente quando a lua não estiver nova, entre outras atividades, que requerem um conhecimento amplo sobre a cultura.

Na pesquisa, observamos que os espaços de aprendizagens dos Apinayés ocorrem a partir das vivências com as/os mestras/es. E a representação por meio da realização de duas oficinas para produção do mapa social identificou onde aconteciam esses ensinamentos; na atividade, os mestres iniciaram contando um pouco da história da antiga aldeia e como ela se constituía. Também falaram sobre sua liderança e daqueles que estavam à frente das lutas da comunidade; enfim, dialogando sobre as características do lugar de origem.

Em entrevista com a mestra Flor de Ipê Apinayé, compreendemos sua trajetória de vida e o seu orgulho de pertencer a sua etnia. Ela rememora o lugar onde nasceu e viveu como “terra linda”, deixando ver que cada lugar possui sentimentos diferentes um do outro, pois, na sua concepção, havia algumas coisas que faziam sentido em seu modo de viver e enxergar a vida. Na ocasião, ela explica que as ruas eram extensas e que o ribeirão recebia muitas pessoas; o pátio que ela nos relata que era algo que possuía um valor único, onde as cantigas eram as mais interessantes, tanto que ela se especializou nas cantigas da etnia.

Em entrevista com o Professor A, nascido na antiga aldeia São José, em 1970, no qual iniciou os estudos na antiga aldeia São José, em meados de 1979, em uma escola multisseriada com jovens, crianças e adultos estudando ao mesmo tempo.

Perguntado sobre a presença da cultura Apinayé nos espaços escolares da escola Mătyk, ele ressalta:

[...] Quando acontece algum evento aqui na escola, por exemplo, semana do índio, dia da Independência, consciência negra e Dia das Crianças, nós mesclamos tudo, brincamos com algumas brincadeiras dos não indígenas e colocamos os nossos também como cantoria, temos dois professores Panhi que são os Itamar Gwrah e Rogério Sumêr que cantam para os alunos. (Professor A, Entrevista realizada em 16 de fevereiro de 2023).

Em outra passagem, o professor A nos remete à participação dos mestres e mestras nos ambientes escolares:

[...] Os anciões participam poucos desses momentos, isso acontece quando algum ou outro professor pensa essa proposta de incluir os mestres em suas aulas, como as cantorias, as contações de Histórias, chamam esses mestres apenas nessas ocasiões. Quem é responsável por isso é a mãe do diretor da escola indígena Mătyk a mestra Terezinha, como também, o cantor Alexandre Zé Cabelo que também vem aqui na escola (Professor A Apinayé, Entrevista realizada em 16 de fevereiro de 2023).

Outra questão direcionada ao professor A Apinayé é se ele sente falta das tradições da cultura Apinayé na comunidade ou na escola. De acordo com sua resposta:

[...] sim antigamente, quando ainda via as coisas faziam cerimônias cotidianamente, principalmente o ritual do Păr Kapê e também um ritual chamado de Pxê Krăkura em que os antigos moradores mais faziam e mais se destacavam, eu vi isso crescendo, mas atualmente essas festas acontecem poucas vezes, coisa que acontecia e era uma das coisas mais lindas eu me sentia espiritualmente um deles, um ancião, em que aconteciam corridas de toras, cantorias, hoje ainda fazem o păr kapê, mê kăm mex, me ôkrepôxrunhti também ainda realizavam, mas que eram organizados da maneira correta ou em alguns casos não corresponde a aquele ritual, faltando ou deixando de fazer alguma deles, como por exemplo no ritual do me ôkrepôxrunhti, os cantores quando estão cantando, entram com seus irmãos, irmãs dão a eles e elas os enfeites, arcos entre outros objetos e quando amanhece eles se transformam em porcos selvagens e passam lamas nas pernas e cantam ao redor da aldeia todos eles e elas cantando, depois se dirigem ao ribeirão, mas hoje em dia isso não ocorre, apenas cantam durante a noite e compartilham os instrumentos que finda essa festa (Professor A Apinayé, educador da escola Mătyk, entrevista, 16 de fevereiro de 2023).

Para compreender melhor esse processo de ensino e aprendizagem, a professora B Apinayé, nascida na antiga aldeia, em 1968, fala sobre os momentos da educação escolar indígena da época. Ela trata, na sua fala, sobre a escola da antiga aldeia e a de hoje; apesar de considerar que a escola de antes não atendia a educação escolar indígena, também diz que a de hoje ainda se utiliza de práticas de ensino que não são adequadas à sua cultura, em especial aquelas relacionadas ao ensino religioso:

[...] Quando eu comecei a estudar na antiga aldeia a educação na época não era qualificada, não era como hoje, os professores não ensinavam as nossas práticas culturais, como ainda alguns fazem, ainda me lembro e eu não gostava, faço essa comparação, pois havia uma diferenciação enorme entre o ensinar e o aprender que aliás, era por meio do evangelho (Professora. B Apinayé. Entrevista em 24 de julho de 2022).

O acesso a uma educação de qualidade era um entrave para os Apinayés; as escolas funcionavam até a 4ª série do ensino fundamental, porém, aqueles que escolhessem continuar os estudos teriam que se deslocar para a cidade de Tocantinópolis, e assim fez ela; mas, não se sentiu à vontade de continuar estudando por medo da cidade, das pessoas, da língua, da vestimenta, entre outros aspectos que possibilitaram a sua desistência; ficou na aldeia cuidando da mãe, e permaneceu com a escolarização incompleta por muitos anos.

Antes da implantação de uma escola que tivesse todas as séries, a escola ainda funcionava apenas na 5ª série do ensino fundamental, onde a professora B Apinayé era merendeira. Sendo convidada a ser professora pela então coordenadora, iniciou a sua trajetória no processo educacional, começando a ensinar em 1997, na atual aldeia São José.

Com muita luta, os Apinayé conseguiram implantar uma escola que atendesse aos anseios de sua comunidade, que proporcionasse liberdade de aprendizagem e que oferecesse o ensino fundamental completo e o médio, o que foi conquistado no ano de 2001. Na escola, a professora conseguiu completar seus estudos em 2007. Logo em seguida, em 2015, a professora conseguiu entrar na faculdade.

Entretanto, essa jornada de ensinar e estudar na cidade e na aldeia agregou valores diversos, como o contato com outros povos, o acesso a costumes, a conquista que

ela considerava improvável; ela descreve tudo por que passou ao observar a educação escolar indígena.

Desde que iniciou sua trajetória como regente de aulas, dedicou-se a ensinar para as crianças, as quais ela considera um ponto central da cultura Apinayé. A professora nos afirmou que todo o plano de aula é organizado pela própria unidade de ensino, sendo as séries, as disciplinas, a carga horária idealizadas pela própria escola; além disso, os conteúdos de ensino são previamente inseridos pela coordenação a fim de serem modificadas ou não. Segundo a fala da professora, os materiais estão em falta no espaço de trabalho que antes era organizado pelo grupo Saberes Indígenas na Escola por falta de recursos. O que observamos é que a escola da Aldeia apresenta dificuldades de adequação aos saberes da cultura indígena apinayé. E com isso as mestras/es não são chamadas/os a participar do ensino da escola. Isso só ocorre quando tem festas e cerimônias na comunidade.

CONCLUSÃO

A pesquisa apontou que existe relação entre as práticas culturais e as educativas desenvolvidas no interior da escola, muito embora seja pontualmente. Todavia, a presença das mestras e dos mestres só ocorre em datas festivas. Nas aulas, em especial nas disciplinas de história, isso não acontece, apesar de os professores Apinayés serem especialistas em várias áreas do conhecimento, as práticas e as histórias narradas eles realizam nos momentos de festividades da etnia — nesse caso, em espaço das casas, pátio, cemitério, roças. Essas histórias narradas servem como teoria para tornar as atividades mais interessantes de se ouvir e refletir sobre elas. Contudo, os mestres utilizam várias ferramentas de trabalho para aproximar os netos e filhos, como as visitas ao cerrado em busca de plantas medicinais para tratar seus familiares; esses, na maior parte das vezes, são acompanhados pelos netos que, desde crianças, deparam-se com essa atividade adulta.

Diante desse fato, o território Apinayé apresenta-se como um grande livro com paisagens, sons e aspectos simbólicos envolvendo casas, pátios, instrumentos ritualísticos considerados pelos mestres como essenciais, além de cores, grafismos e vozes.

Entretanto, para os mestres, cada espaço possui um significado diferente. Foi-nos apresentado pelos mestres a produção do mapa, o qual indicou que as principais formas de aprendizagens seriam no pátio e, inúmeras vezes, ouviu-se a palavra gành (pátio). Nele, observamos que aconteciam esses momentos memoráveis por apresentar muitas pessoas e a participação coletiva da comunidade, e isso tornava os encontros marcantes e possibilitava a participação de outras aldeias, gerando uma riquíssima troca de conhecimentos na dança, no canto e no choro ritualístico.

Por outro lado, percebemos um distanciamento entre a escola, os mestres Apinayés e a comunidade em geral, o que acontecia desde sua implantação. Os professores que são Kupe (brancos) fazem pouco uso do pátio e dos locais do entorno das casas para possibilitar essa aproximação com seus alunos. São nesses locais de convívio que acontecem o velório dos falecidos, o banho dos entes, a cura dos pajés, a troca de comida das madrinhas ou padrinhos no casamento, a nomeação dos afilhados e outros momentos importantes que poderiam ser ensinados pelos professores.

REFERÊNCIAS

APINAJÉ, J. K. R. Mẽ ixpapxà mẽ ixàhpumunh mẽ ixujahkrexà: território, saberes e ancestralidade nos processos de educação escolar Panhĩ. 2019. 129 f. **Dissertação de Mestrado** - Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

BARTH, F. **Etnicidade e o conceito de cultura**. Tradução: Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto. Antropologia. Niterói: n. 19, p. 15-30, 2. sem. 2005.

BARTH, F. **O Guru e o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contracapa livraria, 2000.

CALDERONI, V. M. O.; NASCIMENTO, A. C. Saberes tradicionais indígenas, saberes ocidentais, suas intersecções na educação escolar indígena. **Visão Global**, Joaçaba, v. 15, n. 1-2, p. 303-318, jan./dez. 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GAIOSO, A. V. Aspectos da produção etnográfica na antropologia para as denominadas comunidades tradicionais, *In*: MARTINS, C. C. et al. (org.). **Insurreição de saberes 3: tradição quilombola em contexto de mobilização**. Manaus: UEA, 2013.

GIRALDIN, O. **Os filhos plantados**: a relação Apinayé com as plantas cultivadas. Disponível em: http://www.uft.edu.br/neai//file/odair_os_filhos_plantados.pdf . Acesso em 30 jul. 2023.

HAESBAERT, R. **Território e descolonialidade**: sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na “América Latina”. Buenos Aires: CLACSO, 2021. Disponível em: <https://journals.openedition.org/geografares/2120>. Acesso em 27 jan. 2021.

HALBWAHS, M. **A memória coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006. 224p.

KESSEL, Z. **Identidades que se alteram**: memória e memória coletiva. Disponível em <http://www.multirio.rj.gov.br/seculo21>. Acesso em 30 jul. 2023.

LITTLE, P. E. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil**: por uma antropologia da territorialidade. Anuário Antropológico 2002/2003. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

NIMUENDAJÚ, C. **Os Apinayé**. *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi*, tomo XII. Belém do Pará. 1956.

PORTELLI, A. **Tentando aprender um pouquinho**: algumas reflexões sobre a História Oral. Projeto História 15. São Paulo, 1997.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

RIBEIRO, P. O. Plantas-filha e a beleza das roças: *o lugar ds plantas na cosmologia Apinajé*. 2015. 91f. **Dissertação de Mestrado** - Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente, Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2015.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: História Oral. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

Rejane Cleide Medeiros de Almeida: Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Faculdade de Ciências Sociais, Pós-doutorado em Educação pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), Mestre em Educação pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Especialista em Educação e Agroecologia pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), Graduada em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Atualmente é Pró-reitora de Extensão, cultura e assuntos comunitários (PROEX) da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Professora adjunta do curso de Educação do campo: Artes e do Programa de pós-graduação em estudos de Cultura e Território (PPGCULT). Tem experiências Interdisciplinares em Ensino, Pesquisa e Extensão, atuando principalmente nos seguintes temas: Povos e comunidades tradicionais, Etnicidade, Mulheres Camponesas, Ribeirinhas, Quilombolas, Movimentos Sociais do Campo, Nova Cartografia Social, Agroecologia, Educação do campo e popular com ênfase no Pensamento educacional Freireano.

Idemar Vizolli: Possui graduação em Ciências Naturais pela UNIJUÍ - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (1985), graduação em Matemática pela UnC - Universidade do Contestado (1997); Mestrado em Educação pela UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina (2001), Doutorado em Educação pela UFPR Universidade Federal do Paraná (2006) e Pós-doutoramento em Educação pela Universidade Estadual do Pará (2020). Atualmente é professor Associado da Universidade Federal do Tocantins; professor e orientador no Programa de Mestrado Acadêmico em Educação na UFT; no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática (PPGECM) na Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática (REAMEC); no Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia (EDUCANORTE) - Associação Plena em Rede; Coordenador estadual da REAMEC. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Matemática, atuando principalmente nos seguintes temas: Etnomatemática, saberes e fazeres em contextos socioculturais, Proporção-porcentagem, ideias matemáticas, fração, registro de representação semiótica; Educação do Campo; Educação de Jovens e Adultos; e Educação Escolar Indígena.

Fabrcio Laranja Salvador Apinagé. Possui graduação em Educação do Campo, artes. Foi aluno de iniciação científica com premiação na melhor pesquisa em Ciências humanas no ano de 2022. Participa do grupo de pesquisa e extensão popular Katãm. É professor de Artes na escola Mätyk, na Aldeia São José, no Município de Tocantinópolis.

Recebido para publicação em 03 de outubro de 2023.

Aceito para publicação em 03 de julho de 2024.

Publicado em 22 de outubro de 2024.